



## IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade  
V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

### DESEJO, PRECARIEDADE E ABJEÇÃO: “A BALEIA” E A CONSTITUIÇÃO DE UMA DOCÊNCIA QUEER

*Eixo Temático EIXO 30 - PEDAGOGIAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE EM ARTEFATOS CULTURAIS: POTENCIALIDADES PARA A EDUCAÇÃO E A FORMAÇÃO DOCENTE / AXIS 30 - GENDER AND SEXUALITY PEDAGOGIES IN CULTURAL ARTIFACTS: POTENTIALITIES FOR EDUCATION AND TEACHER TRAINING (ONLINE)*

Renildo Franco da Silva<sup>1</sup>

Evanilson Gurgel<sup>2</sup>

#### RESUMO

O presente texto é o recorte de uma pesquisa de mestrado em andamento, que discute vulnerabilidade, precariedade, abjeção e anormalidade em uma perspectiva (auto)biográfica, valendo-se de histórias de vida de professores/as gays. A metodologia cartográfica prioriza a dimensão das “geografias de vida” no âmbito das teorias educacionais pós-críticas. Para este artigo, focalizamos um artefato cultural, o filme “A Baleia”, buscando evidenciar linhas que constituem esse currículo não-escolar, na perspectiva dos Estudos Culturais. Partindo da análise de representação, cartografamos linhas duras quanto à imagem de um professor gay, valendo-se de enquadramentos heteronormativos que concorrem para disponibilizar imagens desesperançosas e mais fatalistas de uma docência *queer*.

**Palavras-chave:** Abjeção, Precariedade, Estudos Culturais, Cartografia

#### PARA INÍCIO DE CONVERSA...

As narrativas grafadas em imagens, textos, músicas, filmes, peças publicitárias e em tantos outros artefatos culturais são objetos de investigação de um campo que se convencionou a chamar de Estudos Culturais. Nesse sentido, o presente trabalho é o recorte de uma pesquisa de mestrado em andamento e está imbricado de significações que pretendem ser sentidas ao se permitir cartografar as ausências e as lacunas em um determinado artefato cultural, buscando por linhas de diferentes naturezas que constituem o viver e o sentir do espetáculo que é a vida

<sup>1</sup> Mestrando do Pós-Ensino da Universidade Federal do Semi-Árido - UFERSA; Universidade Estadual do Rio Grande do Norte - UERN; Instituto Federal do Rio Grande do Norte - IFRN, renildo.franco@gmail.com;

<sup>2</sup> Professor Adjunto da Universidade Federal Rural do Semi-árido, Centro Multidisciplinar de Angicos. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Ensino (POSENSINO/UERN/IFRN/UFERSA). Doutor em Educação (UFBA), Mestre em Educação (UFRN), licenciado em Ciências Biológicas (UFRN) e em Pedagogia (UNINTER). e-mail: [evanilson.gurgel@ufersa.edu.br](mailto:evanilson.gurgel@ufersa.edu.br)



(GURGEL; MAKNAMARA, 2021). Logo, a pesquisa engaja-se em discutir questões que atravessam aquilo que temos reconhecido como uma “docência *queer*”, partindo das histórias de vida de pessoas excluídas e marginalizadas em sua trajetória formativa por causa de sua sexualidade, precisamente por serem consideradas transgressoras da normatividade e pelo povoamento intrínseco de suas diversidades que se evidencia em um currículo de corpo vivido. Com isso, ao priorizar a dimensão curricular, cartográfica e evidenciando quais linhas constituem uma docência *queer*, não nos permitimos a uma construção a partir de esquemas pré-estabelecidos, pois não é esse o objetivo a que se propõem os Estudos Culturais.

Este trabalho é ancorado teoricamente nos conceitos de precariedade e vulnerabilidade da filósofa Judith Butler (2015, p. 31), quando reflete “que os próprios processos da vida envolvem destruição e degeneração”. Butler (2015) reforça ainda que não basta dizer que a preservação da vida nasce do contexto de precariedade, mas das condições que tornam a vida sustentável. Dessa forma, podemos refletir também acerca da anormalidade a partir de Michel Foucault (2001), ao apresentar as três figuras como o epicentro dentro do qual o problema da “anomalia” se coloca. A primeira, ele chama de “monstro humano – o cosmo e anticosmo”, definido como aquele que viola as leis sociais e as leis da natureza, combinando “o impossível com o proibido” (FOUCAULT, 2001, p. 70). A segunda é um componente da genealogia da anomalia, “indivíduo a ser corrigido”, que se processa em contexto mais limitado na circunvizinhança institucional que o apoia. A terceira é a “criança masturbadora”, que emerge no âmbito familiar e tem em seu entorno um território muito mais restrito.

O sujeito homossexual está situado nesses enquadramentos normativos que forjam sujeitos abjetos. Um corpo *queer* que se movimenta resistentemente, ainda que fadado à precariedade da vida. Esses corpos falam. E nessas narrativas do devir (GURGEL; MAKNAMARA, 2021), incorporam às lutas cotidianas do existir uma dimensão de currículo vivo. No artefato cultural analisado, destacamos alguns recortes que se entremeiam e pulsam para a manutenção de uma homeostase do existir. Esse artefato, com sua capacidade pedagógica, evidencia um currículo ao se valer de corpos que desejam evocar suas vozes em meio à precarização da vida e abjeção de suas realidades.

## OS ESTUDOS CULTURAIS COMO METODOLOGIA



Nesta investigação, damos ênfase à narrativa midiática fílmica, explorando-a enquanto um artefato cultural, buscando estender o olhar em busca de rupturas que evidenciem um currículo cultural diverso. Os Estudos Culturais não oferecem “nenhuma metodologia distinta, nenhuma análise estatística, etnometodológica ou textual singular que possam reivindicar como sua” (NELSON, TREICHLER, GRASSBERG, 2011, p. 9), mas o teor de bricolagem incutido em seu processo metodológico apresenta um caráter de autorreflexão, de sentido estratégico e pragmático, além de perceber as conexões horizontais e os agenciamentos a partir das enunciações e rupturas dos (con)textos analisados.

Nesse sentido, nos valemos de elementos da análise de representação, cuja “pretensão consiste em expressar o humano e o social em sua totalidade” (SILVA, 2011, p. 33), e como essa totalidade se manifesta em nós, quer seja “inscrição, marca, traço, significante” (SILVA, 2011, p. 32), e não um mero processo mental. Nesse sentido, nossa proposta metodológica também se ancora no conceito de rizoma a partir das suas linhas de segmentaridade, o que proporciona sua estratificação, organização e dimensões significativas atribuídas, cabendo também compreendê-la como linhas de desterritorialização, facilitando fugas inesgotáveis como contínuo devir (DELEUZE; GUATTARI, 1995).

Na análise dos excertos extraídos do filme *A baleia*, não apresentamos “nenhum modelo estrutural ou gerativo” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 20), mas procuramos abordar a “geografia de vida” (GURGEL, MAKNAMARA, 2021) do personagem Charlie, buscando compreender como tal narrativa opera para construir representações de uma “docência *queer*”. Desse modo, buscamos extrair significados a partir das linhas que constituem esse artefato cultural, desvelando um mapa “conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente” (DELEUZE, GUATTARI, 1995, p. 21), sempre se movendo e se reproduzindo livremente.

## **AS LINHAS FORJADAS DE UMA DOCÊNCIA *QUEER***

Um ônibus se aproxima de uma cidade cercada por uma vegetação ressecada, parecendo anunciar um inverno rigoroso. Uma voz, meio cansada, surge. Aos poucos, uma tela de computador envolve a cena. Vários quadradinhos ladeados e sobrepostos apresentam diversas pessoas a prestigiar aquela voz. Ao centro, uma das janelas completamente escura. A voz justifica que a sua câmera está com problemas, por isso permanecerá desligada. A voz de Charlie. A voz da “baleia”.



Assim começa a narrativa de Charlie, protagonista do filme “A baleia”. Uma experiência fílmica que, de início, parece querer representar a figura de uma pessoa obesa análoga à uma baleia. Relacionando os enquadros propostos pela narrativa, podemos ter uma visão mais aprofundada quando a obra *Moby Dick* ressoa em meio a tantos contextos de tristeza e lamúria. Os estereótipos tratados no contexto de “A baleia” percorrem uma narrativa de vida que imprime sequelas incontáveis, ferozes, que fundam uma obesidade decalcada na desilusão da vida, levando-nos a perceber as linhas de dores que emergem de experiências de abandonos e arrependimentos do protagonista. Charlie quebra as cadeias do desespero para viver sua narrativa, seus desejos, sua docência *queer*, e para isso, acaba deixando sua esposa e filha para se entregar ao seu amor, Alan. A alegria de estar com o amor de sua vida, de não estar fadado a continuar “dentro do armário” finda quando a bolha estoura, com a morte de seu amado, e tudo passa a soar como castigo, desilusão, gerando um corpo que se entrega ao desespero, aos olhares projetados sobre a pele, que chegam ao emocional.

Quando Ellie, filha do Charlie, entra em cena, sua personagem parece representar o olhar externo de julgamentos, ressoando uma ideia de “incriminação/armação como uma falsa acusação” (BUTLER, 2015, p. 22). De certa forma, mesmo a homossexualidade de Charlie sendo um pivô de dores, no contexto do artefato analisado, é possível identificar conflitos que atravessam a personagem e que não chegam a ser aprofundados.

Quando posicionamos Charlie no cenário hierárquico das masculinidades, podemos percebê-lo entrelaçado ao conceito de Raewyn Connell “de pirâmides de poder”, utilizado por Gurgel, Maknamara e Chaves (2022). De acordo com eles, no topo dessa pirâmide encontram-se aqueles com uma “masculinidade hegemônica”, por serem a representação mais legítima do que seria “ser homem”. Em seguida, mais abaixo, viriam as representações secundárias: as “masculinidades ‘cúmplices’, ‘subordinadas’, ‘resistentes’ e ‘abjetas’” (GURGEL, MAKNAMARA, CHAVES, 2022, p. 3). Tal classificação reforça quem é o dominador das outras camadas.

“A baleia” é uma proposta fictícia, constituída a partir de algumas representações estereotipadas acerca da sexualidade. Mesmo assim, trata-se de um endereçamento, visto que, há sempre uma audiência à qual o endereçamento de um artefato como o filme presume atingir (SILVA, 2011). No caso de “A baleia”, percebe-se que Charlie teve seus momentos de fuga com vistas a desterritorializar contextos dicotômicos da sexualidade, causando o que para Louro (2008) seria um embaralhamento que desafia classificações, atravessando fronteiras e



nomeando novas posições. No entanto, ao corajosamente buscar novas formas de vivenciar a sexualidade, Charlie passa a assumir uma posição monstrificada, anormal, violadora das leis sociais e naturais. Em tal posição, precisa usar o reconhecimento de sua “vida *queer*”, engendrada à sua ação “docente *queer*”, por meio da convivência com outros sujeitos. Essa “docência *queer*”, em “A baleia”, é apresentada de forma sutil e íntima, não estando necessariamente ligada ao conteúdo didático do professor, mas na forma como atravessa sua ação docente ao desafiar normas tradicionais sobre o que é ser professor. Com sua sensibilidade, generosidade, empatia e vulnerabilidade, Charlie valoriza a autenticidade de seus estudantes para além das normas da escrita. Isso já se apresenta como subversão das expectativas da docência normativa, pois pelo afeto, escuta e desejo de florescimento do outro, constrói uma docência comprometida com a linguagem como forma de expressão pessoal e libertação.

Charlie constitui um fazer docente que nasce do lugar em que reside a dor, a perda, a exclusão e onde, ao mesmo tempo, se perfaz a esperança de transformação. Sua sexualidade atravessa sua trajetória docente a partir de suas perdas, quando busca valorizar a honestidade das emoções como enfrentamento a tudo aquilo que viveu, como a perda de seu esposo, o afastamento de sua filha, o silêncio e o medo. Sendo assim, o filme forja uma “docência *queer*” ao passo que apresenta um professor marcado pela experiência de mundo e que traz, na sua prática de ensino uma relação com sua sexualidade que rompe com estereótipos tradicionais, ou seja, não correspondendo ao ideal academicista ou físico. Charlie é um homem gordo, *gay*, recluso, mas invadido por uma intensidade afetiva, um olhar singular sobre a própria prática educativa que se abre à diferença, indo além das aparências por entender o peso da rejeição quando se foge à norma. A imagem representada nessa “docência *queer*” desse artefato, em específico, é complexa parecendo levar sua audiência apenas às agruras da vida abjeta, mas que, no decorrer de sua evolução destaca a potência e dignidade do ato de ensinar e cuidar marcando de forma positiva a vida de quem ensina e de quem aprende.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Precisamos reforçar que o presente estudo é apenas um recorte possível para o artefato analisado, visto que nem é nossa intenção, nem dos Estudos Culturais como caminho investigativo, “ditar” regras de reconhecimento ou dar a última palavra sobre as significações



forjadas deste artefato. Seria aqui apenas um tracejar de linhas, um mapeamento de territórios, um acompanhar de movimentos de desterritorialização promotores de escapes como possibilidade de pesquisa. Não queremos “decalcar” uma ideia de “mundo feliz” de um sujeito considerado abjeto e de seus desejos, mas deixar transbordar todas as possibilidades sem esconder a vida dissidente, o docente *queer*, desconstruindo-o como “algo pelo que alguém sente horror ou repulsa como se fosse poluidor ou impuro” (MISKOLCI, 2013, p. 45).

A partir de elementos da análise de representação, pudemos cartografar linhas duras em relação à imagem de um professor gay, valendo-se de enquadramentos heteronormativos que concorrem para disponibilizar imagens menos esperançosas e mais fatalistas em relação à docência *queer*. Além disso, o referido artefato apresenta o desejo em uma perspectiva diretamente relacionada à abjeção, oferecendo ao seu público uma representação problemática das sexualidades dissidentes. Percebemos que, apesar do enquadramento de uma imagem decadente que atravessa a vida de Charlie, o currículo deste artefato confabula para uma felicidade de realização pessoal do personagem ao se entender em sua sexualidade e vivê-la com seu esposo, mesmo que de forma discreta, o que pode sugerir à sua audiência reflexões acerca do sujeito *queer* e da visão de anormalidade e abjeção que a sociedade ainda impõe sobre essas existências dissidentes.

## REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra**: quando a vida é passível de luto? 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs** - capitalismo e esquizofrenia, vol. 1. Rio de Janeiro- RJ: Ed. 34, 1995. (Coleção TRANS)

FOUCAULT, Michel. **Os anormais**: curso no Collège de France (1974-1975). São Paulo: Martins Fontes, 2001. – (Coleção Tópicos)

GURGEL, Evanilson; MAKNAMARA, Marlécio. **Cartografando geografias de vida**. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica, Salvador, v.06, n.17.p.191-206, Jan./abr. 2021. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/9320/7952> Acesso em: 15 de fevereiro de 2025.

GURGEL, Evanilson; MAKNAMARA, Marlécio; CHAVES, Silvia Nogueira. **Maquinações generificadas no currículo das narrativas seriadas**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v.30, n. 3, 2022. Disponível em:



<https://www.scielo.br/j/ref/a/ZwTN9mzhLTz9JN6pc33hMKP/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 15 de fevereiro de 2025.

LOURO, Guacira Lopes. **Cinema e Sexualidade**. Educação e Realidade. v. 33. n. 1. Jan/Jun, 2008, p. 81-98. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/6688/4001> Acesso em: 15 de fevereiro de 2025.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. 2. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Autêntica Editora: UFOR – Universidade Federal do Outro Preto, 2013. – (Série Cadernos da Diversidade;6)

NELSON, Cary; TREICHLER, A. Paula; GRASSBERG, Lawrence. Estudos Culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Alienígenas na sala de aula**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. P. 7-38. – (Coleção Estudos Culturais em Educação)

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Alienígenas na sala de aula**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. – (Coleção Estudos Culturais em Educação)